"EU SOU HOMEM COM H": heterotopia e corporeidade na cinebiografia de Ney Matogrosso[1]

"EU SOU HOMEM COM H": heterotopia and corporeity in the biographical film of Ney Matogrosso

Marina Dalton[2]
Fabíola Calazans[3]

***Resumo**: Neste artigo, discutimos a insurgência e a produção de sentido das performances do cantor da música brasileira, Ney Matogrosso, a partir de uma cartografia heterotópica embasada na cinebiografia "Homem com H" (2025). À luz da noção de corporeidade a partir do entendimento de Merleau-Ponty (2011) e Porpino (2018), realizamos uma investigação cartográfica inspirada na definição de rizoma apresentada por Deleuze e Guattari (1995). Com efeito, propomos uma abordagem metodológica intitulada cartografia heterotópica, que dialoga com a conceituação de heterotopia proposta por Foucault (2009). Em um mapeamento do filme analisado, identificamos quatro eixos principais, a saber: embates com sua família conservadora; timbre da voz; sexualidade não normativa; corpo e figurino performáticos, que foram investigados como faces componentes da corporeidade do artista e da multiplicidade de sentido constitutivo de uma subjetividade insurgente.*

***Palavras-Chave:** Ney Matogrosso 1. Corporeidade 2. Heterotopia 3.*

***Abstract**: In this article, we discuss the insurgency and the production of meaning in the performances of the Brazilian singer Ney Matogrosso, based on a heterotopic cartography grounded in the biographical film "Homem com H" (2025). In the light of the notion of corporeity as understood by Merleau-Ponty (2011) and Porpino (2018), we conducted a cartographic investigation inspired by the definition of rhizome presented by Deleuze and Guattari (1995). Accordingly, we propose a methodological approach called heterotopic cartography, which engages with Foucault's (2009) conceptualization of heterotopia. In mapping the analyzed film, we identified four main axes, namely: conflicts with his conservative family; vocal timbre; non-normative sexuality; and performative body and costume, which were investigated as components of the artist's corporeity and the multiplicity of meaning constitutive of an insurgent subjectivity.*

***Keywords:** Ney Matogrosso 1. Corporeality 2. Heterotopia 3.*

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (PPGCOM/FAC-UnB), e-mail: msdalton123@gmail.com

[3] Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (PPGCOM/FAC-UnB), doutora, e-mail: fabiola.calazans@gmail.com.

1. Introdução

No dia 15 de fevereiro de 2026, o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, viu seu chão tremer ao som de um enredo cantado a plenos pulmões por toda a avenida: “Eu sou o poema que afronta o sistema, a língua no ouvido de quem censurar. Livre para ser inteiro, pois sou Homem com H” (O Globo, 2026). A escola de samba Imperatriz Leopoldinense desfilou ao som de “Camaleônico”, em homenagem ao cantor, intérprete, dançarino, ator e diretor Ney Matogrosso. “O camaleão dá esse sentido de transformação contínua. A gente está falando de um artista que agora está com 84 anos e que nunca aceitou a norma como regra para a sua vida”, afirma o carnavalesco Leandro Vieira em entrevista ao Jornal Nacional (2026). Ao destacar momentos da carreira do artista, a escola de samba se propôs a explorar a ousadia performática do artista, abrangendo sua ambiguidade, androginia, enfim, sua multiplicidade.

Ney Matogrosso, cantor reconhecido pelas maquiagens e figurinos ousados e exóticos usados em suas performances (Sales et al, 2019), nasceu em 1941 em Bela Vista, Mato Grosso do Sul, e, ainda hoje, é um relevante artista da Música Popular Brasileira. Sua carreira musical teve início como vocalista do grupo “Secos e Molhados”, na década de 1970, emplacando canções como “Sangue Latino”, “Rosa de Hiroshima” e “O Vira”. Seguiu posteriormente carreira solo, também alcançando grande sucesso, com interpretações e performances emblemáticas, não raro, televisionadas em programas televisivos de amplo alcance nacional na década de 1980, como Fantástico e O Cassino do Chacrinha. Em 2025, sua história foi retratada no longa-metragem biográfico “Homem com H”, com direção, roteiro e produção de Esmir Filho, e produção da Paris Filmes e Entretenimento.

As performances de Ney Matogrosso congregam dispositivos simbólicos de forma que seu corpo, no palco, se torna linguagem política e território de resistência e transgressão, sendo, por isso, um interessante recorte de estudo para a compreensão do processo de comunicação da corporeidade cênica de cantores. Compreendendo toda experiência estética como corporal e “toda criação artística como uma manifestação e significação que parte do corpo” (Dalton; Calazans, 2025, p. 13), o presente artigo tem por objetivo discutir a insurgência e produção de sentido das performances de Ney Matogrosso a partir de uma cartografia heterotópica embasada na cinebiografia “Homem com H”.

Utilizando a noção de corporeidade a partir do entendimento de Maurice Merleau-Ponty (2011) e Karenine Porpino (2018), realizamos uma investigação cartográfica inspirada

na definição de rizoma apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e propomos uma abordagem metodológica que dialoga com a conceituação de heterotopia proposta por Michel Foucault (2009). Em um mapeamento do filme analisado, foram identificados quatro principais nós1, entendidos como pontos de conexão, encruzilhadas, pontos de interesse, nós na garganta – a saber, embates com sua família conservadora; timbre da voz; sexualidade não normativa; corpo e figurino performáticos –, os quais foram investigados enquanto faces componentes da corporeidade do artista e multiplicidade de territórios constitutivos de uma subjetividade irreverente.

2. A cinebiografia "Homem com H"

"Homem com H" estreou nos cinemas em 1º de maio de 2025 e Jesuíta Barbosa foi o ator que interpretou Ney Matogrosso (Homem com H, 2025). Embasado no livro biográfico escrito por Julio Maria (2021), o filme retrata desde a infância do cantor no interior do Mato Grosso do Sul, com conflitos e brigas familiares, até o caminho percorrido aos palcos e ao estrelato. O longa conta a experiência de Ney no serviço militar da aeronáutica no Rio de Janeiro, sua passagem pelo coral da Escola de Música de Brasília, seu ingresso no grupo Secos e Molhados e sua decisão de seguir carreira solo. O filme destaca, em especial, o aspecto liberal e a antinormalização de Ney em relação ao seu próprio corpo e às suas performances.

Um ponto de interesse no filme são as canções da trilha sonora, as quais contribuem para a narrativa, construção de sentido, proposta e compreensão da potência do artista. A canção "Rosa de Hiroshima", a título de exemplo, aparece em um vocalize, sem letra, representando o momento em que Ney conhece João Ricardo e Gerson Conrad e formam o grupo Secos e Molhados. Essa opção estética enfatiza a unicidade e o lirismo da voz de Matogrosso, de modo que a construção de sentido da cena foca na sonoridade vocal e não na letra. Destacando a voz aguda e incomum do artista, tal decisão contribui para a narrativa da formação de uma subjetividade não normativa.

O longa "Homem com H" foi indicado para premiações, como o troféu 2026 da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o prêmio F5 de 2025 da Folha de S. Paulo (IMDb, 2026), sendo inclusive escolhido como filme de encerramento do 27º Festival de Cinema Brasileiro de Paris (Lins, 2025).

3. Corporeidade e performance

Neste artigo, empregamos a definição de performance de Richard Schechner (2003), autor pioneiro dos Performance Studies, que entende a performance como ser, fazer, mostrar-se fazendo, sublinhar uma ação e a compreende como objeto do campo de estudos de comunicação. Um artista, em performance, comunica com seu público, pois realiza uma troca de informações por meio de gestos, utiliza o corpo como mídia para interconectar corpos, gerar experiência e produzir sentidos. Mais especificamente, um cantor ou cantora, quando em cena, projeta sua voz e seus movimentos como meio para comunicar, transmitir emoções, afetar e ser afetado por outras múltiplas subjetividades.

À luz dos estudos de Merleau-Ponty (2011) e Porpino (2018), a noção de corporeidade contribui para compreender a relação corporal, performática e discursiva em uma cena. Em síntese, essa abordagem teórica compreende o corpo simultaneamente como uno e múltiplo, em uma realidade que abrange as múltiplas dualidades intrínsecas a sua existência. Ou seja, não se pode fragmentar a existência do corpo. Isso porque aspectos imateriais e materiais não são distintos no ser, mundo e sujeito, cultura e natureza, razão e emoção, as infinitas dualidades compõem a subjetividade e a unidade no corpo (Calazans, 2022).

O samba-enredo da escola de samba Imperatriz Leopoldina evoca as múltiplas faces de Ney e está justamente dialogando com a compreensão da corporeidade do artista, como pode ser observado no trecho da letra a seguir:

> Sou meio homem, meio bicho
> O silêncio e o grito
> Pássaro, mulher
> Que pinta a verdade no rosto
> Traz a coragem no corpo
> E nunca esconde o que é
> Pelo visível, indefinível
> Ressignifica o frágil
> O que confunde é o desbunde
> Do que desafia o fácil (O globo, 2026)

A ambiguidade e a androginia anti-normalizadoras do artista trazem à tona, ou melhor, trazem no corpo, as várias dualidades coexistentes e imbricadas no ser do cantor. Ney não é homem ou bicho, não é silêncio ou voz, é tudo (e nada) simultaneamente. Sua corporeidade insurgente não se encaixa nos padrões heteronormativos, ocidentais, conservadores e cartesianos que pregam binariedades. Com efeito, Ney Matogrosso ressignifica valores e discursos por meio de sua corporeidade que tensiona processos de produção de sentido inscritos na cultura brasileira.

4. Proposta metodológica: cartografia heterotópica

A metodologia cartográfica nos possibilita uma "construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter" (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 10). Trabalhando com o fluxo e uma maleabilidade que permite considerar as subjetividades e desejos em um objeto, espaço, sujeito ou contexto, a cartografia se propõe a expandir um conhecimento pela compreensão de suas conexões e multiplicidade. Diferentemente do intuito tradicional e cartesiano de verticalizar o conhecimento, o percurso cartográfico aqui proposto, embasado na noção de rizoma de Deleuze e Guattari (1995), preocupa-se em encontrar nós, isto é, pontos de interesse, mas investiga especialmente as conexões, o intermeio, o entre. Trata-se de uma análise horizontalizada, um mapeamento em que não há uma hierarquização entre os saberes ou uma tentativa de determinar relações de causalidade ou consequência entre os nós encontrados.

Com inspiração na definição tradicional de mapa como uma representação gráfica de um território, ou seja, um espaço, propomos uma metodologia para este trabalho que conecta a análise cartográfica com a definição de heterotopias proposta por Foucault (2009). Segundo esse filósofo, espaços são situados pelas relações de vizinhança e são posicionamentos definidos pelas conexões ao seu redor. O mundo seria experimentado como uma rede de pontos interligados e entrecruzados, sendo a heterotopia a multiplicidade de espaços em um mesmo posicionamento. Relacionada à interpenetração de espaços físicos e imaginários, a heterotopia refere-se aos vários espaços e significados que coexistem em um mesmo posicionamento. E, compreendendo o corpo como a parte do sujeito que permite sua percepção e experimentação do mundo (Merleau-Ponty, 2011), dos espaços e tempos, também o próprio corpo seria um posicionamento interconectado e entrecruzado com os demais. Para além de um simples posicionamento, o corpo, enquanto componente do ser e da subjetividade, congrega em um espaço toda a multiplicidade de um sujeito e pode ser considerado, portanto, uma heterotopia.

Assim sendo, a proposta metodológica de cartografia heterotópica se propõe a mapear as multiplicidades em um espaço e, neste caso específico, em um corpo, entendendo esse corpo também como um lugar, um espaço. A partir da identificação de nós, no sentido de encruzilhadas, no filme "Homem com H", pontos de interesse elegidos por sua relevância na compreensão da corporeidade de Ney Matogrosso, efetuamos uma análise rizomática para

compreender as interconexões entre os pontos, mas também compreendê-los simultaneamente como efeito, instrumento e componentes da multiplicidade do corpo do artista. Ou seja, realizamos um mapeamento do corpo-artista de Ney Matogrosso abarcando sua não-fragmentação, conforme o princípio da corporeidade (Dalton; Calazans, 2025), e investigamos a coexistência desses múltiplos posicionamentos em um só corpo, pensando-o como uma heterotopia.

5. Cartografia heterotópica: nós da corporeidade de Ney Matogrosso em "Homem com H"

São variadas as frentes de tensionamento levantadas pela performance de Ney Matogrosso, sua estética e posicionamentos. De acordo com o pesquisador e professor de música, Sérgio Gaia Bahia (2009), em relação aos aspectos musicais, Ney e sua relação íntima com a plateia, enquanto músico popular de massa, tensionam a música erudita, frequentemente considerada por críticos musicais como aquela de maior valor ou qualidade. O autor afirma que o repertório eclético do artista, que passa pelo rock, samba, ritmos afrobrasileiros e populares, também incorpora aspectos da música barroca e canção de vanguarda, de modo que a técnica vocal do cantor às vezes se aproxima da estética erudita, mas dentro do contexto da cultura de massa.

Há uma importância na sensualidade performática de Ney, pois a liberdade sexual que ele provoca nos palcos é em si mesma uma ruptura. A visibilidade de um corpo que não se atém à binariedade pregada pelo contemporâneo, a que determina qual comportamento, gesto ou figurino é masculino ou feminino, em um palco mainstream é, por si só, um ato político potente. Contudo, há autores que contrapõem essa ideia e afirmam que, embora a performance de Ney Matogrosso pareça radical e transgressora em relação à gênero, sexualidade e comportamento, ela seria, na verdade, uma válvula de escape necessária para a manutenção da ordem hegemônica.

Bahia (2009) entende que em um sentido último, Ney não gera uma transformação social efetiva, pois sua performance seria uma fresta com uma instância funcional com o todo social e que pode ser interpretada como uma ruptura socialmente programada que faz parte da dinâmica do sistema hegemônico. A arte de Ney forneceria um espaço controlado e delimitado para a expressão dos desejos e comportamentos considerados proibidos. Em vez de abalar as estruturas da ordem hegemônica heteronormativa, machista, conservadora e

patriarcal, a rebeldia e liberdade sexual seriam encenadas apenas dentro dos limites seguros do palco e a imagem transgressora de Ney, convertida em um produto cultural vendável por meio de ingressos e discos, fortaleceria a própria indústria cultural e o sistema mercadológico capitalista, hábil em absorver e cooptar aquilo que o ameaça.

Por outro lado, os professores e pesquisadores de estudos discursivos, Éderson Luís Silveira e Anísio Batista Pereira (2019), ao discutirem a performance de Ney Matrogrosso a partir do pensamento de Foucault e Butler, argumentam que o artista integra um perfil de sujeito que foge às regras comportamentais aceitas, que não se adequa às normas vigentes. Os autores afirmam que Ney, ao performar com comportamentos femininos – usa saia, pinta o rosto, gesticula com nuances femininas –, contraria os padrões vigentes e "acaba por criar uma descontinuidade de uma estrutura social de censura às práticas ligadas à sexualidade, isto é, de ter que ser explicitamente homem ou mulher" (Silveira; Pereira, 2019, p. 245). Segundo esses autores, Ney Matogrosso introduziu a sexualidade explícita na arte brasileira e sua performance teria, sim, potência disruptiva ativa, não agindo como mera válvula de escape participante do sistema.

Até mesmo seus figurinos comporiam sua expressão de posicionamento político contra o governo e contra a cultura hegemônica, em especial nos anos 1970, conforme afirmam Sales e colaboradores (2019) no artigo científico intitulado "O papel do figurino na construção da persona do cantor Ney Matogrosso". Segundo esses autores, os trajes elaboraram uma persona artística que valorizava uma identidade pós-moderna e sintonizava com movimentos de contracultura – a saber, hippie, gay e feminista – criando vínculos com o público jovem dos anos de ditadura militar no Brasil. Ou seja, Ney produziu sim identificação e projeção com um público jovem potencial consumidor de suas produções e performances, mas isso não tornava sua mensagem política e seu posicionamento insurgente menos relevantes. O corpo em cena é também ato político, o que nos remete à perspectiva de Jacques Rancière (2009) acerca das relações indissolúveis entre estética e política.

Na cinebiografia "Homem com H", tais aspectos da corporeidade de Ney ficam evidentes. Entendendo seu corpo-artista como múltiplo, com vários territórios explorados, bem como um corpo heterotópico, o filme traz cenas que permitem discutir algumas dessas faces políticas e insurgentes de Ney.

Desde o princípio do filme são evidentes os embates com sua família conservadora. São representadas atitudes homofóbicas e violências físicas e simbólicas, advindas especialmente

de seu pai, contra seus gestos, escolhas pessoais, sexualidade, deslegitimando inclusive a possibilidade de escolha profissional no caminho da arte. Escolhida também para compor o trailer do filme, a cena do pai o expulsando de casa é emblemática e mostra, visualmente e verbalmente, discursos de resistência por parte de Ney, insubmisso dentro de seu próprio lar. Possivelmente o caráter de resistência de sua corporeidade, que mais tarde foi necessário para lidar com pressões e censuras da ditadura militar, começou a ser moldado a partir desse nó de embates familiares.

Outro aspecto importante da corporeidade de Ney retratado no filme é relativo ao seu timbre de voz único. Ney Matogrosso é contratenor, ou seja, alcança notas mais agudas que a maioria das vozes masculinas – mais um aspecto que demonstra como o corpo do artista não se encaixa (nem se deixa encaixar) nos padrões normativos. Uma cena que evidencia esse nó é a do coral da Escola de Música de Brasília, na qual o regente comenta sobre como a voz do cantor é rara. Também em outros momentos da cinebiografia, especialmente naqueles em que são encenadas performances icônicas do artista no palco e na TV, existem elementos narrativos que contribuem para o entendimento da sua potência vocal.

Na cinebiografia “Homem com H”, outro nó relevante para a corporeidade insurgente de Ney é o de sua sexualidade não normativa. Desde o próprio título do filme, homônimo de uma famosa canção gravada pelo cantor, a desconstrução da masculinidade heteronormativa é destacada como peça central da narrativa. São retratados momentos da vida íntima do artista, como forma de levar ao conhecimento do espectador o artista como um todo e não apenas suas performances no palco. Não sendo uma biografia com narrativa puramente linear, o filme traz diferentes aspectos da vida de Ney, diferentes faces que compõem sua corporeidade, dentre elas suas intimidades e relações amorosas. Um dos momentos mais impactantes retratados é quando Ney recebe o resultado de seu teste de HIV, negativo, e o lê junto de seu companheiro Marco de Maria. “Não fiz nada diferente de ninguém”, diz na cena. Os dois foram companheiros por cerca de 13 anos, até a morte de Marco em decorrência de complicações da AIDS. Esmir Filho, em entrevista ao podcast Flow (Flow News, 2025), conta que Ney Matogrosso chorou compulsivamente após assistir à gravação dessa cena, emocionando-se ao relembrar o momento de sua história, mas também por perceber como essa representação cinematográfica afetará outras vidas.

Por fim, um território amplamente explorado no filme e, em certa medida, transversal aos outros nós percebidos, é referente ao corpo e figurino performáticos do artista. Evocando

sua sensualidade, irreverência e unicidade, o corpo de Ney no palco veste-se como um ser livre, com brilhos, penas, maquiagens exóticas, referências animalescas, femininas, hippies, enfim, carregado de uma potência criadora, enfatizando uma produção de sentido de liberdade. Segundo Silveira e Pereira (2019), seguindo uma análise do pensamento foucaultiano, os gestos disciplinares/disciplinadores entram em discursivização por meio do imaginário coletivo e reforçam a naturalização de práticas que devem predominar em relação a outras. Desse modo, o corpo e a performance de Ney Matogrosso em cena podem gerar estranheza e desconforto, mas é justamente aí que está a insurgência de sua multiplicidade.

Segundo Suely Rolnik (2018), a insurgência emerge em um movimento de resistência e luta diante da condição colonial-capitalística, que urde nossas vidas e nosso inconsciente por meio de micropolíticas modificadoras dos modos de ser e estar no mundo, bem como da racionalidade do planeta. O poder colonial-capitalístico estaria, então, na perspectiva de Rolnik, cafetinando a pulsão vital, em outras palavras, o capitalismo colonial estaria capturando e extraindo nossa pulsão de vida e diminuindo nossa potência. Ney Matogrosso se recusa a se submeter totalmente ao sistema opressor e a se resumir apenas à sua funcionalidade. Ney Matogrosso defende a liberdade e a libertação, refere-se a si mesmo como um “desrepressor” (Godoi, 2018).

Segundo Foucault (1988, p. 46), o poder é “aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido”. A corporeidade heterotópica de Ney vai, até mesmo, contra tal binariedade da repressão, na medida em que o cantor era transgressor, indo de encontro aos costumes e valores vigentes no período da ditadura, ainda que não tenha sido proibido de performar. Ele dançava na linha tênue entre o permitido e o proibido, do lícito e do ilícito. No filme, há uma cena em que é retratado um censor questionando quantas vezes Ney rebola no show e, após receber uma resposta do artista, definindo que ele deveria diminuir essa quantidade pela metade. Esse é um ótimo exemplo de como Ney está tão presente nos entres e não na polaridade, de como ele aproveita as frestas para sua pulsão de vida. Curioso notar que no contexto da ditadura, mesmo a censura não sabia como agir frente à sua potência desnormativa de desbunde. Mais do que ir contra a norma vigente, sua não-fragmentação e corporeidade iam (e ainda vão) contra a normatividade em si, contra a cafetinagem da vida.

6. Considerações finais

O corpo heterotópico do artista Ney Matogrosso é insurgente na medida em que gera estranheza e desconforto por utilizar suas performances para libertar sua sensualidade, latinidade, pulsão vital e potência criadora. “O que há em comum entre Ney e o carnaval é a coisa que mais admiro na festa, que é a insubordinação. São dois corpos insubordinados que produzem beleza. O Ney Matogrosso é o carnaval em pessoa”, defende o carnavalesco Leandro Vieira (Jornal Nacional, 2026). Não somente Ney e o carnaval são insubordinados, como também são múltiplos, uma unidade de diversidades, uma grande festa performática, uma produção de sentidos a partir da irreverência.

A análise dos quatro nós identificados no mapeamento da cinebiografia “Homem com H” permitiu-nos cartografar múltiplas relações entre aspectos de sua corporeidade. Inferimos que sua insurgência performática e cênica é provavelmente resultado de tais conexões: seu caráter de resistência possivelmente começou a ser moldado a partir de embates familiares; seu timbre de voz único, que não se enquadra nos padrões tradicionais de classificação vocal, potencializa seu corpo fora dos padrões normativos e normalizadores; sua sexualidade não normativa e seus posicionamentos contrários à masculinidade heteronormativa, da mesma forma, enfatizam sua multiplicidade; seu corpo e figurino performáticos evocam sensualidade, irreverência, latinidade, feminilidade, animalização e liberdade. Sua performance em cena cria um discurso que demonstra – e ao mesmo tempo constrói – esses nós, faces componentes da corporeidade do artista e da multiplicidade de sentido constitutivo de sua subjetividade insurgente.

A proposta metodológica sugerida neste artigo, cartografia heterotópica, permitiu-nos realizar uma análise rizomática das múltiplas conexões e territórios coexistentes na corporeidade de Ney Matogrosso, a partir da cinebiografia “Homem com H”. Pesquisas futuras poderão desvelar outros nós em sua história e performances, já que os pontos de interesse e conexões possíveis são tantos quanto são as multiplicidades de um sujeito. Esperamos, inclusive, que essa proposta metodológica possa ser aplicada em outros objetos e sujeitos de pesquisa, compreendendo outros corpos-artistas como heterotopias ou outros territórios como possíveis espaços a serem mapeados em sua multiplicidade.

Entendemos, com base nesta investigação, que Ney Matogrosso age e performa tal qual o eu lírico da canção “Balada do Louco”, célebre em sua regravação: disruptivo, anti-normalizador, louco. Se a loucura do contemporâneo é aquilo que foge à norma, a

irreverência de Ney pode ser enquadrada como tal. “Dizem que sou louco por pensar assim”, entoa sua voz. “Eu juro que é melhor não ser o normal”, vibra sua corporeidade.

Referências

BAHIA, Sergio Gaia. **Ney Matogrosso: o ator da canção**. Rio de Janeiro: Multifoco Editora; Luminária Academia, 2009.

CALAZANS, Fabíola. Viver (n)a pandemia: reflexões sobre atenção, percepção e experiência. In: FREITAS, Gabriela Pereira de; SÁ, Fernanda; FIGUEIREDO, Lorena (orgs.). **Cartografias do isolamento: repensando os afetos, experiências, deslocamentos e a cidade em tempos de pandemia**. Brasília: FAC Livros, 2022. p. 115–133.

DALTON, Marina. CALAZANS, Fabíola. Corporeidade como abordagem teórica: uma discussão das relações interacionais na performance de cantores(as) populares. In: **Anais do 34º Encontro Anual da Compós**, Curitiba, 2025.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)**, Vol. 1, Editora 34, 1ª ed., 1995. Tradução de Aurélio Gerra Neto e Célia Pinto Costa.

FLOW NEWS. **Ney Matogrosso se emocionou nos bastidores de “Homem com H”**. Youtube, on-line, 30 de abril de 2025. Disponível em <https://www.youtube.com/shorts/SZX2wRWXn_4> Acesso em 20 de fevereiro de 2026.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de Saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: **Ditos e Escritos: Estética — literatura e pintura, música e cinema**, vol. III. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009, pp. 411 – 422.

GODOI, Rodolfo Luiz Costa de. **Ney Matogrosso: Liberalização Sexual, Performance Artística e Disputas Simbólicas**. Dissertação (Departamento de Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, 2018.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.

HOMEM com H. Direção: Esmir Filho. Brasil: Paris Filmes, 2025. (129 min.)

IMDb. **Homem com H**. Prêmios. IMDb. 2026. Disponível em: https://m.imdb.com/pt/title/tt35301431/awards/?ref_=tturv_sa_1. Acesso em: 2 fev. 2026.

JORNAL NACIONAL. **Ney Matogrosso é o grande homenageado da Imperatriz**. 13 de janeiro de 2026. Disponível em https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2026/02/13/ney-matogrosso-e-o-grande-homenageado-da-imperatriz.ghtml Acesso em 17 de fevereiro de 2026.

LINS, Alice. **“Homem com H” encerra nesta terça (06) o 27º Festival de Cinema Brasileiro de Paris**. Social1, UOL, on-line, 06 de maio de 2025. Disponível em <https://social1.ne10.uol.com.br/noticias/2025/05/06/homem-com-h-encerra-nesta-terca-06-o-27-festival-de-cinema-brasileiro-de-paris.html> Acesso em: 2 fev. 2026.

MARIA, Julio. **Ney Matogrosso: a biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do Pensamento Moderno)

O GLOBO. **Veja a letra do samba da Imperatriz Leopoldinense para o carnaval 2026**. 15 de fevereiro de 2026. Disponível em https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/guia/veja-a-letra-do-samba-da-imperatriz-leopoldinense-para-o-carnaval-2026-1.ghtml Acesso em 17 de fevereiro de 2026.

PORPINO, Karerine. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 2ª ed. Natal-RN, EDUFRN, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALES, Sueleide Silva Pereira. BATISTA, Isaac Matheus Santos. FERNANDES, Raquel Aragão Uchoa. ARRAZOLA, Laura Susana Duque. O papel do figurino na construção da persona do cantor Ney Matogrosso. **Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**. Edição temática em Comunicação, Arquitetura e Design. Volume 7, n. 2, 2019.

SCHECHNER, R. O que é Performance. **O Percevejo**, Rio de Janeiro, UNIRIO, n. 12, p. 25-50, 2003.

SILVEIRA, Éderson Luís. PEREIRA, Anísio Batista. Ney Matogrosso entre Butler e Foucault: sobre sujeitos e subversões de identidades. **Revista X**, Curitiba, volume 14, n. 4, p. 240-255, 2019.